

sem precedentes. Nesse ambiente de intensa religiosidade e ao mesmo tempo de conflitividade é que vai, aos poucos, firmando-se o conceito de martírio. A confissão da fé quando exige a morte para ser atualizada se torna martírio, portanto, testemunho radical em defesa da causa de Cristo que, por sua vez, é o paradigma mais importante. O seguimento de Jesus até o martírio é expressão máxima da fé cristã, por isso a fé não pode ser excluída do falar teológico sobre o testemunho. A testemunha se coloca numa situação de pobreza e ausência de forças diante do poder e da força do mundo, por isso, na prova do martírio, a fé é sua força. Pela fé que testemunham, os mártires contribuem para a salvação de seus irmãos. Eles se entregam a Deus numa fidelidade constante. Não contam com suas próprias forças, mas com a força do Espírito. Não provocam a perseguição, mas aceitam-na quando inevitável. A fidelidade a Deus faz do testemunho uma missão recebida e cumprida até o fim.

Depreende-se das *Acta Martyrum* que a testemunha é capaz de levar até o radicalismo a dinâmi-

ca da vida, colocando em questão seu valor absoluto de maior bem. Sacrificando a vida no martírio, ele dá testemunho de algo que é maior que a própria vida: Deus, o autor da vida. A vida, embora sendo em si mesma o maior bem que o homem possui, é relativizada em razão da plenitude da vida em Deus. Portanto, é importante considerar que a testemunha, para expressar a vida como dom de Deus, só possui a própria morte, por isso, o martírio é gesto concreto e última obra de sua vida. Ele entrega sua última possibilidade de vida pelo futuro em Deus. O testemunho é elemento integrante e constitutivo da Igreja e a razão primeira de sua credibilidade. Ele passa pelo martírio de Jesus, imitado e reatualizado hoje por aqueles que dão a vida, na fé, pela causa da justiça que é a mesma causa de Cristo.

Pe. Dr. José Adriano é Doutor em Teologia Moral e Diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Endereço:

Av. Nazaré, 993
CEP 04263-100
Ipiranga — São Paulo

NÃO TENHAM MEDO, NÓS VAMOS RESSUSCITAR

Síntese da tese de Doutorado em Teologia
Dogmática, defendida no dia 10 de março de 1993
na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora
da Assunção — São Paulo

Prof. Dr. Renold J. Blank

1) UMA PESQUISA DE CAMPO SOBRE A ATITUDE DIANTE DA VIDA APÓS A VIDA

1. O OBJETIVO DA PESQUISA

Em virtude da falta quase total de dados empíricos sobre a atitude dos fiéis frente às verdades básicas do discurso escatológico, a pesquisa tentou numa primeira etapa levantar uma base empírica e segura sobre a atitude da população urbana de São Paulo, em face dos conceitos centrais do discurso escatológico.

Num segundo passo, estes dados são comparados com o conteúdo escatológico tradicionalmente transmitido pela catequese, de tal maneira que, numa terceira etapa, podemos assegurar uma base empírica para a elaboração de respostas aos anseios e atitudes descobertas. São respostas dogmatica-

mente fundadas e ao mesmo tempo formuladas numa linguagem compreensível aos homens de um ambiente urbano e pós-industrial. São respostas, também, que respondem ao mesmo tempo às grandes exigências de uma teologia que quer transmitir a mensagem da fé a partir de um enfoque de esperança e de liberação.

Devido ao fato de nunca, até a presente data, ter sido feita dentro do contexto brasileiro uma pesquisa com este objetivo específico a partir das bases da população, os resultados da presente pesquisa querem contribuir para atender a necessidade de uma teologia que se compreende como estando a serviço dos homens.

Esperamos que os dados aqui recolhidos e trabalhados a partir de um enfoque teológico possam também ser uma contribuição

para uma evangelização efetiva dentro de um ambiente urbano-industrial.

2. O MÉTODO SEGUIDO: UMA PESQUISA DE CAMPO COM APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS DA ESTATÍSTICA INFERENCIAL

O método seguido para a coleta e organização dos dados é basicamente o da Pesquisa de Campo, conhecida pela Sociologia e pela Antropologia. O registro de dados se fez pela técnica da Entrevista Fechada, recorrendo em seguida a uma mediação estatística na base da Estatística Descritiva.

Os mais de 20.000 dados primários foram recolhidos pela entrevista de 823 pessoas dos significativos estratos sociais da população dentro do ambiente urbano da metrópole de São Paulo. Eles representam assim uma amostra estatisticamente representativa da atitude desta população urbana em face dos grandes temas do discurso escatológico.

De maneira específica foram distinguidos os seguintes grupos referenciais:

- O total da população (para a Pesquisa Base)
- Idade (para a Pesquisa Comparativa)
- Renda (para a Pesquisa Comparativa)
- Escolaridade (para a Pesquisa Comparativa)
- Grau de medo da morte (para a Pesquisa Relacionada)

- Vivência religiosa (para a análise em nível teológico).

II) RESUMO SINTÉTICO DOS RESULTADOS A PARTIR DE UM ENFOQUE TEOLÓGICO

1. A TRANSPOSIÇÃO TEOLÓGICA DOS DADOS SOCIOLÓGICOS

Com base na necessidade e na exigência formulada por PUEBLA, de integrar o discurso teológico com o discurso sociológico, para que a Igreja não se afaste do povo e de seus problemas, fazia-se necessário dar a esta pesquisa sobre a atitude da população de estratos representativos da população de São Paulo, frente às grandes questões da escatologia individual, uma base sociológica ampla e aprofundada, uma base que não deveria ser interpretada e julgada isoladamente, senão tão somente dentro do contexto de sua tensão teológica e pastoral dentro da reflexão teológica sobre as possíveis respostas de uma Nova Evangelização no âmbito de uma realidade marcada por um ceticismo crescente diante destas respostas.

2. O MEDO DIANTE DA MORTE

Constatamos a partir de vários enfoques o mesmo resultado de que uma prática intensiva da religião não conduz a uma diminuição significativa do medo da morte. Estatisticamente, o nível de medo dos que praticam muito, só fica 3% abaixo do nível de medo dos que praticam pouco e 8%

abaixo do medo daqueles que não praticam a religião.

Comparando estes resultados com pesquisas psicológicas respectivas, devemos constatar que a prática da religião, no que diz respeito à ansiedade quanto à morte, em nível estatístico não distingue significativamente os católicos de todos aqueles que não praticam a religião.

Tal fato provoca a indagação sobre as causas de uma tal situação, tendo em vista o fato de que para os primeiros cristãos a atitude diante da morte era significativamente diferente em comparação aos não-cristãos e isso devido a sua expectativa de reencontrar-se nessa morte com um Deus que "não é um Deus de mortos, mas sim, de vivos" (Mc 12,27), num Deus que "faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem" (Rom 4,17).

Mas é exatamente isto que não podemos constatar na população pesquisada em São Paulo. A prática acentuada da religião católica não significa para esta população uma diminuição significativa do medo perante a morte.

Em oposição flagrante ao otimismo expresso, por exemplo, em

Hb 2,14-15, detectamos nas pessoas religiosas um medo que não se distingue de maneira significativa do medo daqueles que não praticam a religião.

Indagando as razões deste fato, descobrem-se fatos que, dentro de um enfoque psico-religioso, muitas vezes não foram considerados com a devida atenção.

Entre esses fatos destaca-se sobretudo a problemática de que a literatura apocalíptica, apesar de ter sido o meio para manter a esperança em situações desesperadas, conter imagens com forte potencial ameaçador. Quanto menos as imagens eram compreendidas como imagens, tanto mais tal potencial podia tornar-se ativo. Fato confirmado em várias publicações recentes.¹

Acrescentando a este quadro as experiências milenárias de uma pastoral de ameaça, podemos compreender melhor os dados estatísticos descobertos no decorrer da pesquisa. São estes dados, por sua vez, que confirmam a correlação entre o medo constatado e a prática da religião.

De todas as pessoas que indicaram ter medo da morte, alegaram ter medo por causa de motivos religiosos:

1. Delumeau Jean, *Angst im Abendland*, Reinbeck b. Hamburg 1985. Dodds E. R., *Heiden und Christen in einem Zeitalter der Angst*, 1985. Dormeyer D./Hauser L., *Weltuntergang und Götterherrschaft*, 1990. Girard René, *A violência e o sagrado*, Rio de Janeiro 1990. Martin G. M., *Weltuntergang*, Stuttgart 1984. Vorgrimler Herbert, *Der Tod in Denken und Leben des Christen*, Düsseldorf 1978. V. V. A. A., *Apokalyptische Aengste - Christliche Hoffnung*, Freiburg-Zürich 1991.

32% dos que praticam muito a religião, mas somente 10% daqueles que não praticam a religião.

Acrescentando a este resultado ainda os dados obtidos nas pesquisas comparativas e nos cortes transversais, constatamos além disso que o medo por motivos religiosos está presente sobretudo e de maneira acentuada nas camadas da população pobre.

Confrontados com este fato, devemos buscar também argumentos para superar um tal medo por motivos religiosos a partir de um enfoque religioso.

3. A RESSURREIÇÃO DE JESUS, MOTIVO PARA SUPERAR O MEDO DESMESURADO

Estes argumentos se encontram sobretudo numa conscientização aprofundada a partir do significado fundamental da Ressurreição de Jesus. Constatamos que nas camadas pesquisadas da população de São Paulo, em geral estava bem presente a consciência do significado da morte de Jesus, mas estas mesmas camadas não tinham consciência profunda do significado real da Ressurreição.²

Faz-se, porém, necessário acentuar este significado a partir de um enfoque de esperança.

Deve-se trabalhar no sentido de uma conscientização, para que

a Ressurreição seja compreendida como sinal de esperança, com a prova de que Deus mantém-se fiel ao homem até a morte.

A Ressurreição deve ser compreendida mais como um agir de Deus da vida, que ressuscitou Jesus, aquele Jesus que em toda a sua vida tinha optado por aqueles que não tinham mais nenhuma esperança. Ressuscitando este Jesus, Deus se solidarizou também com aquilo que este Jesus tinha proclamado e vivido. Assim, o fato de Deus ter ressuscitado Jesus se torna uma autodefinição de Deus, na qual este Deus declara que está do lado dos homens. É com base nesta esperança que podemos compreender as declarações otimistas de Paulo em Rom 8,31,33-35,38-39.

É a partir deste enfoque também que se abre um caminho para superar uma religiosidade individualista.³

A Ressurreição de Jesus pressupõe assim uma esperança e uma consciência histórica, conforme a qual a história é lugar de uma prática concreta que se orienta na prática de Jesus. A consequência de uma tal conscientização, porém, é a necessidade de uma conversão para além das preocupações individualistas e o seu medo desmesurado da morte. Recuperando o sentido profundo das declarações

do magistério sobre a morte, descobrimos ali exatamente esse enfoque que conduz a uma superação da visão puramente individualista da morte.

4. ATITUDE DIANTE DOS CONCEITOS ESCATOLÓGICOS

Parte-se da tese de que quanto menos carregada de medo for a apresentação dos conceitos escatológicos, tanto mais eles são capazes de agir como impulsos vitais de esperança. A necessidade de acentuar estes impulsos para a vida agrava-se hoje em dia também por causa do aumento cada vez mais acentuado de jovens que, por serem aidéticos, se vêem diante da necessidade de enfrentar o seu próprio morrer de maneira prolongada e consciente numa idade ainda jovem.

A presente pesquisa revelou que, de fato, o conteúdo das noções escatológicas fundamentais, em vez de diminuir o medo, gera medo, de tal maneira que o nível de medo, diante dos conceitos escatológicos pesquisados, era muito maior nas pessoas que praticavam a sua religião do que nas outras que não a praticavam ou a praticavam pouco. É de fato assim que perante todos os conceitos escatológicos pesquisados o nível de medo daqueles que praticam muito a sua religião é significativamente mais alto do que o das pessoas que não praticam.

Nestes elevados níveis de medo foi o Purgatório que causou em

geral níveis de medo bem inferiores aos níveis provocados pelas outras noções. A causa deste fato nos parece estar implícita no próprio significado da noção porque é o Purgatório que, apesar de todo o seu conteúdo inspirador de medo, apresenta uma segurança indiscutível: a Salvação já está garantida para aquele que se encontra na situação de purgatório.

Continuando as pesquisas a partir do enfoque "Religião", constatou-se que diante de todos os conceitos escatológicos pesquisados a porcentagem dos católicos com medo era muito maior do que a porcentagem dos protestantes ou dos adeptos de cultos afro-brasileiros.

5. AS CONSEQUÊNCIAS SOCIO-RELIGIOSAS DE UMA TAL DISTRIBUIÇÃO DE MEDO

Interligando os dados da presente pesquisa com os conhecimentos da psicologia individual sobre a correlação entre medo e fuga, pode-se formular a tese segundo a qual uma das fortes razões para a afinidade de tantos católicos com o Espiritismo e as Religiões Afro-brasileiras se encontra precisamente no forte potencial de medo latente, descoberto por esta pesquisa. Paul Tillich, na sua análise sobre a fascinação que o misticismo asiático exerce nos cristãos do Ocidente, acentua um mecanismo que pode, da mesma maneira, ser aplicado frente à sedução das religiões espíritas e reencarnacionistas do Brasil: "A certeza da realização

2. cf.: Blank Renold J., *Não tenham medo, nós vamos ressuscitar*, p. 347 ss.

3. cf.: Blank Renold J., *op. cit.*, p. 350 ss.

final é dada, a ansiedade de culpa não se torna ansiedade de condenação”.

A hipótese de que é este mesmo alívio que conduz muitos católicos às mãos do espiritismo é reforçada pelos dados descobertos sobre a verdadeira dimensão do medo religioso, presente em nosso povo.

40% da população de renda baixa declara explicitamente ter medo do Inferno. Conscientizando-nos de que este número só representa o nível de medo consciente, não exprimindo o nível muito maior de medo inconsciente ou reprimido, percebemos a verdadeira extensão do problema aqui abordado.

6. CONSEQÜÊNCIAS NO NÍVEL DA RELIGIOSIDADE INDIVIDUAL

Além das conseqüências psico-religiosas do medo no campo social, não se pode deixar de mencionar um fenômeno típico para o ambiente católico, que são as assim chamadas “*Neuroses eclesiogêneas*” ou “*Neuroses de escrúpulos*”. Estas neuroses, muito mais difundidas do que se pensa em geral, tem conforme Haering como uma das suas causas “a acentuação do motivo de medo na pregação”.

Uma das dimensões de medo, no entanto, que sempre era transmitida pelas várias maneiras de pregação, era sempre o motivo do medo escatológico. (*Fazemos referência neste contexto aos textos respectivos, apresentados em termos de exemplos nesta pesquisa*).

7. CORRELAÇÃO ENTRE O MEDO E PODER

Walter Buehlmann relata o fato de que freqüentemente pessoas ligadas à Igreja morrem com maior inquietação do que pessoas sem ligação eclesial.

Eugen Drewermann mostra uma estreita ligação entre instituição, poder e medo, mostrando a tentação do poder de usar o medo para manter o poder. Quando este medo se baseia ainda numa certa imagem de Deus, descobrimos através dos dados sobre o medo presente nos cristãos toda a problemática da transmissão de uma certa imagem de Deus através dos vários meios de pastoral.

8. O PROBLEMA DO MEDO E A IMAGEM DE DEUS

O que predomina sobretudo no grupo daqueles que praticam muito a sua religião é a imagem de um Deus que age conforme a vida do homem (27%) mas, ao mesmo tempo, é acentuado também o número daqueles que têm a imagem de um Deus tirânico e legalista (24%).

É óbvio que um Deus tirânico não alivia o medo perante as ameaças escatológicas. Será demonstrado em um capítulo mais adiante que, por outro lado, a imagem de um Deus que age conforme a vida do homem é o resultado de uma concepção aqui chamada de “*mercantilista*”, conforme a qual há uma relação quase “*simétrica*” entre os

méritos adquiridos do homem e o agir de Deus. Uma tal concepção religiosa, por sua vez, também não é apropriada para aliviar a pressão e o medo.

Devemos constatar assim que só uma minoria daqueles que praticam muito a sua religião (9%) adota uma atitude de esperança radical que conseqüentemente também deve superar o medo. O cruzamento dos dados com as faixas referenciais de Renda e Escolaridade mostra, além disso, que a presença de uma imagem de Deus que não inspira medo escatológico está bem mais ligada às faixas daqueles que têm um nível escolar mais alto.

Além disso, constata-se que no grupo dos praticantes, a imagem de um Deus legalista e tirânico é muito mais acentuada do que no grupo dos não-praticantes. O mesmo é válido para a imagem de um Deus que age conforme a vida do homem. Os dois tipos de imagem de Deus, porém, contêm em escala maior ou menor um específico potencial de medo.

A análise dos dados respectivos traz à tona o fato de que para uma faixa considerável de nossa população e de maneira destacada para os que praticam a religião, Deus se identifica com a imagem de um “*castigador*”, de um “*Deus de ira e de punição*”. Devemos, além disso, constatar em contraste nítido com aquilo que afirma Ronaldo Muñoz, que uma tal imagem de Deus se encontra de maneira sig-

nificativa nas camadas da população pobre e oprimida.

Em comparação com os dados do Total da população, são os grupos referenciais dos pobres, dos que praticam muito e dos católicos que alcançam os níveis estatísticos mais elevados, no que diz respeito à imagem de um Deus que inspira medo.

9. A PROBLEMÁTICA ESPECÍFICA DA IMAGEM DE UM DEUS QUE AGE CONFORME A VIDA DO HOMEM

Devido à sua presença acentuada, faz-se necessário uma análise mais profunda das implicações religiosas de uma tal imagem de Deus. Revela-se nela um potencial de medo até mais perigoso do que o que está presente na imagem de um Deus legalista porque, se Deus age conforme a vida do homem, o homem é posto de antemão sob um princípio de “*êxito religioso*”, devendo mostrar na sua vida resultados, para assim “*ganhar a sua salvação*”.

Um tal cristianismo, no entanto, degenera-se numa religião de mandamentos e de proibições.

Quando analisamos as tendências religiosas constatadas nas várias camadas da população de São Paulo, verificamos uma clara predominância de uma religiosidade legalista-individualista correlacionada com a imagem de um Deus que age conforme a vida do homem, além de um Deus em si já interpretado como legalista.

O enfoque da prática religiosa se dirige conseqüentemente em primeiro lugar em direção a assegurar a sua salvação através de acúmulo de boas obras. Estas boas obras, por sua vez, estão compreendidas em primeiro lugar como obras espirituais ou assistenciais.

A prática de uma religiosidade assistencialista-espiritual alcança conseqüentemente níveis bem mais altos do que a do engajamento concreto, sobretudo no grupo daqueles que praticam muito a sua religião.

Fecha-se um círculo vicioso, segundo o qual a salvação faz parte das assim chamadas dimensões espirituais, e estas dimensões são interpretadas com relação ao "princípio de êxito" diante das exigências de um Deus exigente. A grande preocupação, assim, é a preocupação com o seu próprio destino eterno, de tal maneira que a dimensão de engajamento concreto para o irmão se relaciona sempre dentro da perspectiva mercantilista de realizar boas obras para assim garantir a própria salvação.

É frente a esta preocupação, no fundo muito individualista, que julgamos essencial reacentuar a esperança numa certeza de salvação, como ela é formulada por Paulo na sua carta aos Romanos, cap. 5-8, e sobretudo em 8,31-39.

10. O AMOR DE DEUS EM JESUS CRISTO SUPERA TUDO (UMA EXEGESE DE ROM. 8,31-39)

Os versículos em questão formam de certa maneira o ponto culminante de toda uma argumentação a partir do cap. 5. Todo o agir salvífico ali mencionado culmina na exclamação: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (v. 31). Só há uma única resposta a esta pergunta retórica: Ninguém!

A pergunta, porém, a que se deve a resposta ninguém, faz alusão à situação do juízo escatológico. E, mais uma vez, o apóstolo formula uma pergunta retórica, à qual, em vista de tudo aquilo que ele diz antes, só se pode responder: "Ninguém!" "Quem poderia acusar os eleitos de Deus?" (v. 33).

Heinrich Schlier, na sua exegese, insiste no fato de que Paulo recorre aqui a um termo "usado para a acusação perante o tribunal" (anot. 65, p. 392). Ninguém, segundo a convicção do apóstolo, poderá negar aos eleitos de Deus "perante o juízo escatológico a sua participação universal na salvação"⁴. Esta salvação, no fundo, é uma salvação gratuita, baseada na redenção em Jesus Cristo (cf. Rom 3,21-26; de maneira específica 3,24). É um presente dado ao homem sem que este homem primeiro tenha feito algo.

Tendo assim Deus como o meu defensor (comp. Is 50,8), Paulo está convencido de que ninguém ousará mover um processo contra ele. (cf. v. 34).

Esta idéia é ampliada no versículo 34 sobre Jesus Cristo. É ele que intercede por nós, e a conseqüência desta intercessão de Jesus crucificado e ressuscitado é esta: "De agora em diante, pois, já não há condenação alguma para aqueles que estão em Jesus Cristo" (Rom. 8,1).

Baseado nesta dupla segurança de que Deus não acusa, mas sim, justifica, e Cristo não condena, mas intercede por nós, Paulo pode formular sua certeza de salvação, conforme a qual não há nenhuma acusação capaz de arrancar o homem do amor de Deus.

Encontramos assim no texto analisado basicamente a mesma argumentação que marca também Jo 3,16-17: "Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

É a partir da confiança que pode resultar desta base que muitos cristãos poderiam superar as suas preocupações individualistas, marcadas pelo medo perante um Deus visto como legalista e punidor.

11. A CONFIANÇA NO AGIR SALVÍFICO DE DEUS LIBERA ENERGIAS PARA UM ENGAJAMENTO SOCIAL

A confiança num Deus que quer a nossa salvação pode romper o

pensamento legalista de tantos cristãos, pensamento este que no fundo se baseia no medo e na insegurança perante um Deus que, para muitos, veste características de punidor e vingador, onde, para acalmar a sua ira, deve-se ganhar méritos através de boas obras.

Em vista daquilo que Paulo formulou e em vista do agir de Deus que ressuscitou Jesus, o cristão pode chegar a uma outra atitude de vida, atitude onde predomina o amor e onde todas as obras realizadas não visam de maneira mercantilista garantir a sua própria salvação, mas onde estas obras se tornem respostas gratuitas de amor ao amor sempre primeiro de Deus.

O apoio para uma tal atitude se encontra de novo na Ressurreição de Jesus, na qual Deus se revela de uma maneira nova e original. Ressuscitando Jesus, Ele confirma a vida e a obra Dele. Mas vida e obra de Jesus tinham uma orientação clara e direta para o agir com o irmão dentro da história. Seguindo o exemplo de Jesus Cristo, o homem, conseqüentemente, também é chamado para superar uma atitude religiosa concentrada em si mesmo, marcada pelo individualismo e pelo medo.

Ele é chamado para abrir-se aos irmãos e ao mundo conforme o exemplo de Jesus.

Quando, porém, contemplamos os dados pesquisados pela presente pesquisa, constatamos uma atitude bem diferente. Cons-

4. Schlier Heinrich, Der Roemerbrief, Freiburg-Basel-Wien 1977, p. 277.

tatamos predominantemente uma religiosidade onde predominam as barreiras, onde de um lado há as leis de Deus e, de outro lado, as realizações legalistas do homem.

12. O MEDO DIANTE DE DEUS: CARACTERÍSTICA CONSTANTE DA ATITUDE RELIGIOSA

Os dados revelam que o medo diante de Deus é uma das características que sempre está presente dentro da temática escatológica aqui analisada. É aquele medo que, como mostra Eugen Biser, pode ser detectado em toda a história das religiões. Só que, na religião que se baseia em Jesus Cristo, este medo foi superado de maneira radical e revolucionária por Jesus Cristo, que revelou neste Deus o rosto de um PAI.

Os cristãos, no entanto, diz Biser, não eram capazes de corresponder a este ato, de tal maneira que na história cristã podem-se ver constantemente de novo "as tentativas de abrir de novo todas as portas a um temor de Deus..."⁵

Contra todas estas tentativas, porém, se põe a experiência da vida de Jesus e as reflexões de Paulo, baseadas nesta experiência e na convicção de que Deus nos ama (comp. 2Cor 6,2; também 1Jo 4,18; 2,28; 3,19 s).

O amor, ao qual fazem referência estes e muitos outros textos,

nunca é um amor individualista, mas está sempre interligado com o amor do irmão, abrindo assim outra vez espaço para a dimensão social. A oposição entre o amor de Deus e o medo se abre assim para uma oposição entre o medo e sua fixação individualista de um lado e a abertura generosa do amor por outro lado, uma abertura que necessariamente abrange Deus e, através de Deus, o irmão.

13. TENDÊNCIAS DE RELIGIOSIDADE SUBJACENTE

Para o grupo referencial daqueles que praticam muito a religião, a problemática das práticas de tipo assistencialista-espiritualizante (36% do Total da população) e legalista-individualista (30% do Total da população) já foi abordada nos capítulos anteriores. Mas praticamente para 66% da população pesquisada, "ganhar méritos" de maneira individualista se torna o centro da preocupação religiosa. Em vez de compreender tais méritos, porém, à maneira definida pelo Concílio de Trento, constata-se uma atitude aqui chamada de "mercantilista", uma concepção retributiva a qual a questão do "êxito" se torna uma questão essencial porque, no fundo, é do agir do próprio homem e de suas obras que depende a salvação ou a perdição. Atrás desta concepção se esconde a imagem de um

Deus que retribui de maneira simétrica os méritos acumulados ou pune os pecados.

No geral dos grupos referenciais pesquisados se destacaram as seguintes afinidades específicas:

Para a religiosidade legalista-individualista:

- O grupo da idade entre 51 a 70 anos.
- O grupo escolaridade até o primário.

Para a religiosidade legalista-individualista:

- Os grupos de renda até 1 salário mínimo e entre 6 a 15 salários mínimos.
- O grupo daqueles que não praticam a religião.

Em contraposição a estas tendências de religiosidade declarada-

mente mais orientadas para uma concepção individualista, constata-se que a religiosidade de tipo "engajamento concreto" em geral tem relativamente poucos adeptos (20% no total da população) e, de maneira especial, é totalmente minoritária nos grupos de baixa renda e de baixa escolaridade (13%), além do grupo das pessoas com idade de 51 a 70 anos (11%).

A mais alta porcentagem de uma religiosidade de tipo Engajamento Concreto se constata nos grupos:

- de escolaridade superior (25%)
- de renda acima de 15 salários mínimos (26%)
- que não praticam a religião (26%).

O corte transversal revela as seguintes distribuições específicas:

RELIGIOSIDADE DE TENDÊNCIA LEGALISTA-INDIVIDUALISTA

GRUPOS SIGNIFICATIVAMENTE ACIMA DO PARÂMETRO DISTRIBUTIVO DO TOTAL DA POPULAÇÃO (30%)

Ib: IDADE: 51 a 70 anos	46%
IVa: ESCOLARIDADE: até primário	45%

GRUPOS SIGNIFICATIVAMENTE ABAIXO DO PARÂMETRO DISTRIBUTIVO DO TOTAL DA POPULAÇÃO (30%)

III d: Renda + 15 SM	14%
VII b: Não pratica a religião	18%
VI c: Medo da morte: não sabe	21%
IV c: Escolaridade: colegial/superior	22%
V b: Religião: Protestantes	24%

5: Biser Eugen, *Der schwere Weg der Gottesfrage*, Düsseldorf 1982, p. 75-76.

RELIGIOSIDADE ASSISTENCIALISTA-ESPIRITUAL

GRUPOS SIGNIFICATIVAMENTE ACIMA DO PARÂMETRO DISTRIBUTIVO DO TOTAL DA POPULAÇÃO (36%)

Illa: Renda: até 1 SM.....	45%
Vc: Religião: Afro	45%
Illc: Renda: 6 a 15 SM.....	44%
VIIb: Não pratica a religião.....	44%
Vlc: Medo da morte: não sabe	43%

GRUPOS SIGNIFICATIVAMENTE ABAIXO DO PARÂMETRO DISTRIBUTIVO DO TOTAL DA POPULAÇÃO (36%)

IIIb: Renda: 2 a 5 SM.....	28%
VIIa: Pratica muito a religião.....	29%

RELIGIOSIDADE ENGAJAMENTO CONCRETO

GRUPOS SIGNIFICATIVAMENTE ACIMA DO PARÂMETRO DISTRIBUTIVO DO TOTAL DA POPULAÇÃO (20%)

IIId: Renda + 15 SM.....	26%
IVc: Escolaridade: colegial/superior	25%
Vlc: Medo da morte: não sabe	26%

GRUPOS SIGNIFICATIVAMENTE ABAIXO DO PARÂMETRO DISTRIBUTIVO DO TOTAL DA POPULAÇÃO (20%)

Vc: Religião: Afro	9%
IIb : Idade: 51 a 70 anos	11%
IIIa: Renda: até 1 SM.....	13%
IVa: Escolaridade: até primário	13%

A partir dos dados do corte transversal, chegamos às seguintes conclusões:

- A pregação libertadora do Evangelho, com a sua grande ênfase em derrubar as falsas

imagens de um Deus rancozoso e punidor não chegou ainda às grandes massas da população e, em especial, não marca a religiosidade da população pobre e humilde.

• A religiosidade de engajamento concreto, assim como é transmitida pela Teologia hoje, tem estatisticamente mais resposta nos grupos da população rica do que na população sofrida e pobre, à qual é dirigida em primeiro lugar.

14. A TEOLOGIA SUBJACENTE À RELIGIOSIDADE DETECTADA

A raiz última para o quadro descrito de tendências religiosas se encontra numa teologia que, no fundo, permanece sendo uma teologia de punição que inspira medo, e isso em oposição direta à imagem de um Deus que perdoa (comp. Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas).

Em oposição às vezes flagrante com a imagem de Deus, como aparece na mensagem de ameaça está bem presente, seja de maneira aberta, seja de maneira mais sutil, escondida atrás das súplicas a um Deus misericordioso.

Uma teologia que, em vez de transmitir mensagens de esperança, trabalha com imagens de ameaça e se afasta de sua base bíblica. O seu resultado é o medo e a sujeição.

Jean Delumeau, na sua obra de 2 volumes sobre "O Medo no Ocidente", denomina esta teologia como uma "Teologia de um Deus vingador"⁶. Ele mostra o

medo provocado por ela e os caminhos através dos quais tal medo, em geral, foi canalizado para a visão de um Juízo Final apocalíptico.

Fica evidente que tal medo não se restringiu ao medo do Juízo Final, mas influencia também a atitude diante de Deus na sua relação com o destino individual.

Uma das conseqüências deste fato é a acentuação de uma concepção de justiça retributiva, em detrimento da confiança no amor gratuito de Deus.

Os dados de nossa pesquisa confirmam de maneira inegável que o medo diante de Deus existe em escala muito alta e que os homens, confrontados com este medo, buscam segurança contra este Deus numa concepção retribuidora, a partir da qual, desenvolvendo uma religiosidade jurídica e legalista, é possível prevenir-se contra a ameaça de um tal Deus.

É uma atitude totalmente oposta à atitude pregada por Jesus, mas constatada em muitos cristãos.

Contra a atitude destes cristãos, devemos redescobrir o Deus de Jesus que, como diz Paul Hoffmann, "tira do homem o medo de si mesmo, de seu passado e de seu futuro"⁷.

A base para uma tal visão libertadora se encontra entre outros tex-

6. Delumeau Jean, *Angst im Abendland*, Reinbeck b. Hamburg 1985, p. 341.

7. Hoffmann Paul, em: VV.AA., *Ich will euer Gott werden*, Stuttgarter Bibelstudien N° 100, p. 164.

tos em: Lc 7,37:15,1-6; 15,11-32; 18,10-14; Mt 18,12-14; 20,1-16; Mc 2,14-17.

Uma exegese estrutural destes e de outros textos faz aparecer de maneira acentuada a predominância da gratuidade sobre a retribuição.

15. A PREDOMINÂNCIA DA GRATUIDADE SOBRE A RETRIBUIÇÃO

a) A parábola da ovelha desgarrada (Lc 15,1-6; Mt 18,12-14)

O elemento escandalizador para todos os adeptos de uma justiça vingativa consiste no fato de nesta parábola ninguém falar de conversão. O perdido não desenvolve nenhuma atividade de reparação. A recuperação é totalmente incondicional, é graça gratuita, sem exigência nenhuma.

b) A parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32)

A parábola apresenta basicamente duas atitudes, frente a uma conversão. De um lado, o Pai, que não pergunta nem censura, mas acolhe sem restrição. De outro lado, o filho mais velho. Ele, no fundo, revela o seu descontentamento de não ter nunca recebido uma recompensa especial, à qual ele, a partir de seu enfoque, teria tido direito por causa de seu comportamento exemplar. Pensando em termos de retribuição e de méritos, o filho mais velho não consegue enquadrar o comportamento do Pai dentro de seus parâme-

tros e por isso o acha injusto. É o pai que mostra a este filho que não se trata de pensar em termos de recompensa ou punição, que o seu agir só pode ser compreendido do nível alógico e gratuito do amor. Assim, a parábola se torna um exemplo de agir gratuito de Deus.

Se Deus, no entanto, está agindo assim, então encontramos outra vez o caminho para o agir e o engajamento do homem, caminho que, por sua vez, também não deveria perguntar pelo mérito de certo agir, mas que deveria conduzir a um engajamento gratuito também.

Na conjuntura específica dos países da América Latina, um tal agir não pode esgotar-se num sentimentalismo assistencialista. A resposta ao amor gratuito de Deus só pode ser uma resposta gratuita de engajamento para o irmão, seguindo assim os caminhos do exemplo de Jesus Cristo.

c) Os trabalhadores da vinha (Mt 20,1-16)

Apresenta-se a mesma imagem de um Deus que não corresponde aos esquemas de uma justiça retribuidora. O protesto dos trabalhadores que tinham trabalhado o dia inteiro reflete toda a indignação de uma atitude baseada no princípio simétrico de esforço e recompensa. Mas, a todos os argumentos situados no nível retribuidor que calcula as recompensas devidas, a parábola con-

trapõe a resposta baseada na gratuidade do amor. E este amor, além disso, se mantém totalmente soberano. O Deus de Jesus age de maneira gratuita, mas totalmente soberano, não se deixando intimidar por nenhuma argumentação legalista-jurídica. O seu agir, porém, não segue as regras da relação simétrica entre trabalho realizado e recompensa. Agindo assim, no entanto, este Deus escapa a todas as previsões dos homens.

Hans Heinrich Schmid, além disso, mostra como já no Antigo Testamento a noção de "Justiça de Deus" nunca está ligada à idéia de uma justiça que pune. Uma justiça punitiva, escreve Gerhard Von Rad, seria uma contradição. Para F. Horst, justiça é um dom salvífico, e Cazelles frisa que em parte nenhuma se pode falar de uma justiça punitiva.

Estas interpretações se confirmam de maneira específica pela mensagem de Jesus, segundo a qual Deus faz a sua justiça, revelando a sua bondade e a sua misericórdia e não ameaçando com punições. É esta revelação que se torna convite à conversão, uma conversão motivada pelo amor e não pelo medo.

C. H. Dodd, na sua exegese de Jo 3,17, 8,15 e 12,47, mostra como estes textos devem ser interpretados como contrapeso contra

uma falsa interpretação de Cristo como juiz.⁸

d) O fariseu e o publicano (Lc 18,10-14)

Mais uma vez apresenta-se a imagem de um agir assimétrico diante da vida do homem. Aquele que parece ter argumentos para a sua justificação não é justificado, apesar de os argumentos dele serem verdade. Mas são estes argumentos que, além de toda hipocrisia, revelam no fundo uma atitude religiosa que encontramos também em muitos cristãos: um medo profundo de Deus. E por causa deste medo o fariseu busca seguranças, apresentando as suas obras.

O princípio do êxito, no qual baseia a sua atitude, se revela assim como sendo hipocrisia, e a hipocrisia, no fundo, se revela sendo a outra face do desespero.

Este desespero se vê constantemente confrontado com as exigências de um Senhor severo (cf. Mt 25,24), de tal maneira que o homem sempre está confrontado com a ameaça de uma possível condenação por não ter satisfeito as exigências deste Senhor.

Onde, numa tal situação, pode crescer o amor?

O homem, de fato, só pode perder-se num círculo vicioso de uma religiosidade baseada no princípio de êxito ou ele deve fugir de

8. Dodd C. H., *A interpretação do quarto Evangelho*, São Paulo 1977, p. 282.

Deus e muitos, de fato, fogem. Os níveis de rejeição do discurso escatológico constatados nesta pesquisa o provam.

Um dos caminhos desta fuga é o Espiritismo. Conforme a Revista Veja de 25 de dezembro de 1991, 30% dos católicos entrevistados se tinham declarado "convertidos" a esta religião.

16. O ESPIRITISMO, CAMINHO DE FUGA PREPARADO PELA RELIGIOSIDADE DETECTADA

Uma religiosidade marcada por uma concepção retribuidora ligada ao princípio de êxito prepara o passo para a doutrina espírita. Isso porque a doutrina do Karma, base da crença espírita, acentua exatamente a retribuição como caminho fundamental para a salvação. Só que neste caminho não há a possibilidade ameaçadora de uma condenação. Conseqüentemente, o potencial de medo está diminuído consideravelmente enquanto, de outro lado, a estrutura religiosa não difere fundamentalmente da estrutura já adquirida numa religiosidade cristã baseada nos princípios descritos de reciprocidade.

17. UMA CONCEPÇÃO "RETRIBUIDORA" PREPARA O CAMINHO PARA UMA DOCTRINAÇÃO INTOLERANTE

É interessante constatar que o grito pela justiça retribuidora sempre se ouve na boca dos piedosos, nunca dos pecadores. Aquilo

que as parábolas bíblicas aqui interpretadas apresentam se constata também na realidade. São de fato os descontentes que pensavam que as suas boas obras se tornariam uma garantia para a salvação. Um Deus que não age segundo o princípio do êxito, relativiza a pretensa segurança de salvação do fiel e possibilita, por outro lado, uma esperança também para aquele que aos olhos do fiel já está perdido.

Quanto mais, porém, uma atitude religiosa se baseia numa concepção retribuidora, tanto menos ela se tornará capaz de aceitar a manifesta "injustiça" de Deus como de um Deus partidário, preferindo exatamente aqueles que não podem apresentar resultados.

O perigo de nessa incapacidade de aceitar a parcialidade específica de Deus surgir uma intolerância religiosa frente a todos aqueles que não podem apresentar as obras devidas é muito grande. Este perigo se torna maior porque os seus motivos são inconscientes e porque as exigências dos "bons" são formuladas muitas vezes também numa linguagem religiosa. Movidos pelo zelo religioso, tais defensores da justiça de Deus podem facilmente chegar a julgar e até a eliminar aqueles que não querem ou não podem apresentar os resultados exigidos nos códigos estabelecidos. A época da Inquisição, com o seu ambiente inspirador de medo, é o triste exemplo de uma tal atitude.

Diante do perigo inerente de uma tal religiosidade e diante do fato de a população pesquisada apresentar majoritariamente uma concepção retribuidora da justiça de Deus, vale a pena ficar ciente das graves advertências de Edward Schillebeeckx, de não fazer de Deus um Deus opressor, desumano.⁹

Assim, o quadro revelado por esta pesquisa dá um peso muito especial aos esforços evangelizadores da Teologia da Libertação.

18. CARACTERÍSTICA DOMINANTE NA RELIGIOSIDADE DA POPULAÇÃO PESQUISADA: O BAIXO NÍVEL DE ESPERANÇA ESCATOLÓGICA

A esperança vitoriosa de que os homens "tenham a vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10), tão presente nos escritos de Paulo e nos textos dos Evangelistas, não transparece nos dados de nossa pesquisa. Constatamos, pelo contrário, em nossa população um nível extremamente baixo de esperança escatológica.

Paulo, de fato, exprime a sua esperança de maneira radical ("...em Cristo todos receberão a vida", 1 Cor 15,22; também: Rom 11,32; 4,12 ss; 9,6 ss; Gal 3,22), de tal maneira que "a totalidade dos povos deve experimentar a misericórdia de Deus" (cf. Ann. 143, p. 441). Ele acentua a palavra de

Gustave Martelet: "A radicalidade de Deus contra o mal em proveito do pecador".¹⁰

A mesma esperança radical está sendo expressa por certos Santos. Mas ela não se encontra em nenhum grupo de cristãos aqui pesquisados em nível significativo.

Naqueles que praticam muito a religião, ela está ausente. Naqueles que praticam pouco ou não praticam, ela existe em pouco mais de 10% destas pessoas.

Em oposição a este resultado, o grupo daqueles que praticam muito a religião demonstra o mais alto nível de pessimismo radical, afirmando em 5,24% que todos ou quase todos serão condenados, e em 26% que muitos a poucos serão condenados. Daqueles que praticam pouco, 34% exprimem esta opinião.

Chegamos desta maneira à conclusão que para todos os contratos aqui pesquisados, a atitude pessimista predomina a atitude de esperança.

O corte transversal, onde estão sendo analisados de maneira específica as atitudes de esperança e de pessimismo nos vários grupos referenciais, apresenta o seguinte quadro religioso:

Constatamos um alto nível de esperança, combinado com um baixo nível de pessimismo nos grupos:

9. Schillebeeckx Edward, *Menschen, die Geschichte von Gott*, Freiburg-Basel-Wien 1990, p. 57.

10. Wilckens Ulrich, *Der Brief an die Roemer*, Zurich-Einsiedeln-Koeln 1980, p. 262.

- de renda acima de 15 salários mínimos
- que não praticam a religião
- de escolaridade superior.

Em contrapartida, constatamos um baixo nível de esperança combinado com um nível dominantemente alto de pessimismo nos grupos:

- de escolaridade baixa
- de renda baixa
- de protestantes
- de praticantes assíduos da religião.

A partir dos dados empíricos, devemos chegar a afirmar que a Boa Nova da religião cristã, no que diz respeito ao seu discurso escatológico, é compreendida como Boa Nova realmente pelos grupos:

- dos ricos
- dos que têm formação de nível superior
- dos que não praticam a religião.

Em contrapartida, devemos afirmar que a mesma religião cristã, no que diz respeito ao seu discurso escatológico, não se apresenta como Boa Nova, mas, em primeiro lugar, como uma mensagem de ameaça e de pessimismo para os grupos:

- dos pobres
- dos que têm nível de escolaridade baixo

- dos que praticam muito a sua religião.

Em nível menos acentuado, este mesmo pessimismo predomina também nos outros grupos referenciais pesquisados.

19. RAZÕES QUE PODERIAM EXPLICAR A PRESENÇA DOMINANTE DE PESSIMISMO

Em vez de ouvir uma mensagem que inspira confiança e esperança porque Jesus Cristo elegeu "toda a humanidade de tal forma que nem mesmo uma maneira historicamente pecaminosa pôde nem pode anular o plano do Pai..."¹¹, o nosso povo ouviu mais uma mensagem pastoral que trabalhava e ainda trabalha com intimações e ameaças, inspirando medo e não-confiança e esperança.

O Deus apresentado era mais um Deus perante o qual o homem deve buscar segurança. Os caminhos desta busca de segurança conduzem predominantemente aos resultados constatados nesta pesquisa: legalismo, concepção retribuidora de justiça de Deus, medo, fuga.

Os ouvintes mais desamparados e menos críticos deste discurso se encontram naquelas camadas de nosso povo que não tinham o privilégio de uma formação escolar ampla e profunda, em

uma palavra, nos humildes e pobres. Eles aceitam consciente ou inconscientemente as ameaças contidas num discurso pastoral e o resultado é o acentuado pessimismo, revelado pela pesquisa.

É sintomático neste contexto o nível de rejeição da noção de um Inferno eterno:

- Nos grupos de renda até 1 salário mínimo, a rejeição chega a 23%
- Nos grupos de renda acima de 15 salários mínimos, a rejeição alcança 52% e a não-concordância chega a 87%.

20. AS AMEAÇAS "EDUCATIVAS" CONDUZEM À FUGA

Além da fuga no Espiritismo, podemos constatar outros caminhos de fuga mais perigosos ainda porque permanecem em larga escala despercebidos. Trata-se das rejeições explícitas ou implícitas do conteúdo das noções escatológicas.

Lembrando-nos da íntima correlação entre medo e tendência de fuga, somos assim indagados de descobrir as causas destas fugas despercebidas.

Uma análise dos textos de muitas orações litúrgicas nos conduzem a uma destas causas, aqui chamadas de ameaças indiretas.

Nas muitas e insistentes súplicas pela misericórdia de Deus, nas quais se acentua que nenhum homem poderia escapar ao juízo de Deus, se este Deus não fosse misericordioso, encontramos a estru-

tura de ameaça descoberta. Porque, para muitos fiéis, a pergunta se Deus de fato é misericordioso não se resolve de antemão com uma afirmação.

Os resultados de nossa pesquisa demonstram um medo latente, de tal maneira que até as súplicas pela misericórdia implicam sempre a ameaça da possibilidade de que este Deus não responda a tais súplicas.

21. AS AMEAÇAS APOCALÍPTICAS E A TEOLOGIA DE UM DEUS VINGATIVO

Conforme Jean Delumeau, o Ocidente no início da época moderna estava inundado por ameaças apocalípticas de um Fim do Mundo e o pano de fundo de todas estas expectativas de holocausto era sempre a imagem de um Deus vingativo, no qual predominava um espírito de punição. Encontramos a mesma mentalidade em textos do Século II até as orações litúrgicas das missas fúnebres antes do Concílio Vaticano II.

As suas súplicas e mecanismos indiretos de ameaça estão sempre ligadas a imagens de terror, com as quais se descrevia a segunda vinda do Senhor e o Juízo Final. A isso se acrescenta a constante menção da possibilidade de uma morte eterna, ligada a imagens de um "dia de terror", quando o Senhor virá para julgar os vivos e os mortos. O dia deste julgamento é apresentado como "um dia de desgraça" e "um dia de ira", de tal maneira que o grande

acontecimento da segunda vinda do Senhor, que para a Igreja primitiva era um evento esperado com alegria e amor, foi transformado em um acontecimento horripilante.

Devemos frisar que a reforma dos textos litúrgicos trouxe uma substituição de tais textos por outros, onde prevalece a esperança num Deus de clemência. Mas a simples reforma de textos não opera por si só uma mudança de mentalidade.

Citamos a título de exemplo quatro textos típicos entre inúmeros outros, onde a ameaça prevalece sobre a confiança:

. oração "Absolutio super tumulum", em uso até os anos 60;

. a descrição de Tertuliano sobre o Juízo Final, do século III;

. as profecias de La Salette de 1846

. As profecias de Mama Rosa em San Damiano di Piacenza (após o Concílio Vaticano II).

Estes textos, tirados de ambientes religiosos variados, servem como exemplos típicos para toda uma literatura religiosa, para a qual uma pedagogia de ameaça e de medo parecia ser o caminho para, através da descrição de possíveis sanções, desalentar os peca-

dores pelos seus pecados. Só que em vez de alcançar a sua meta, eles criaram um ambiente de medo inconsciente, interiorizado por gerações de cristãos.

22. A AMEAÇA DE SER SEDUZIDO PELO DIABO

Além das ameaças já mencionadas, a catequese sempre salientou a outra ameaça constantemente presente: o homem seduzido pelo diabo. O poder deste diabo sedutor e destruidor foi descrito como assustador, de tal maneira que ninguém poderia escapar.

Assim escreve Maldonado no Século XVII: "Não há nenhum poder na terra comparável a ele"¹². E Giovanni Papini salienta no seu tratado sobre o diabo em 1955: "... os homens são prisioneiros e escravos do diabo..."¹³.

A transposição catequética de tais doutrinas se tornou uma das causas específicas de medo que, segundo Jean Delumeau, provocou na teologia européia uma verdadeira histeria.

Estamos longê em superar tal medo hoje em dia, mostram os exemplos de exorcismos, declarações e artigos publicados nos anos recentes que foram citados e comentados nesta pesquisa a título de amostra. O medo, de fato, não desapareceu.

23. A AMEAÇA DE ACABAR NO INFERNO

A maneira como esta possibilidade que, de fato, é uma possibilidade real, foi apresentada e ainda está sendo apresentada, revela de maneira específica e já mencionada "pedagogia de ameaça".

Constatamos que as descrições de imagens ameaçadoras das torturas do Inferno faziam parte indispensável da catequese, de tal maneira que ninguém podia escapar dos efeitos de uma tal evangelização, efeitos esses que se refletem ainda hoje nos níveis muito altos de medo e de rejeição.

As descrições detalhadas das câmaras de tortura do Inferno e estão ainda criando temores e ansiedades inconscientes, principalmente nas camadas da população mais humilde, criando uma imagem de terror de tal maneira que grande parte desta população, como mostraram os dados da presente pesquisa, nunca realmente conseguem viver a alegria daquilo que pretende ser a Boa Nova de nossa redenção.

Mencionamos como exemplo, textos de várias épocas, onde os mecanismos descritos aparecem de maneira exemplar:

• *O Apocalipse de Pedro* (100-150 d.C.).

• *Escritos do Padre Martin de Cochem sobre a restrita possibilidade de os homens serem salvos. (O autor é qualificado como "um dos*

mais lidos escritores de todos os tempos", 1634-1712).

• *Extratos de pregações de um dos mais conhecidos evangelizadores do início do Século XX, o Padre Innozenz Huebscher (1876-1933), sobre as torturas do Inferno.*

• *Recomendações do primeiro Concílio de Lima (1551) sobre como falar da eterna condenação de todos os reis dos índios.*

• *Declarações do pregador Avedaño sobre o mesmo tema.*

• *Um texto publicado em 1967 de uma jovem que teria sido condenada ao Inferno e que descreve agora este Inferno.*

24. A DOCTRINA DE REENCARNAÇÃO — TENTAÇÃO PARA ALIVIAR-SE DE UMA DUPLA TENSÃO

Diante de uma mensagem escatológica ameaçadora, uma das reações típicas do indivíduo é buscar segurança. Esta busca de segurança pode se manifestar numa fuga explícita, como já foi demonstrado, ou na busca de alternativas que, por sua vez, também estão ligadas a mecanismos de fuga.

Sendo a ameaça compreendida em primeiro lugar em um nível de ameaça do próprio indivíduo e de sua salvação eterna, é normal que também os caminhos de fuga são caminhos que apostam numa direção individualista.

12. Maldonado, *Traité des anges et démons*, p. 170, cit. cf. Jean Delumeau, op. cit., p. 375.

13. Papini Giovanni, *Der Teufel, Anmerkungen zu einer zukünftigen Teufelslehre*, Stuttgart 1955; p. 26.

Assim sendo, também as dimensões especificamente sociais do discurso apocalíptico em Mt 25,31-46 cedem necessariamente lugar a preocupações cada vez mais individualista.

Assim sendo, também as dimensões especificamente sociais do discurso apocalíptico em Mt 25,31-46 cedem necessariamente lugar a preocupações cada vez mais individualistas e legalistas. Este mecanismo chega a um tal ponto que, no final, a advertência de Hb 10,31 "*Quão terrível é cair nas mãos do Deus vivo*" transforma-se em ameaça para aqueles que deveria aliviar: os oprimidos.

Chegamos assim àqueles resultados paradoxais, apresentando nesta pesquisa, de que é a classe dos oprimidos que apresenta estatisticamente o mais alto nível de medo escatológico. Não é de admirar que também nas classes marginalizadas cresce a tendência de buscar caminhos de fuga. É nesta situação que a doutrina da reencarnação se apresenta como possibilidade de alívio do lado religioso da opressão, uma vez que, a partir dos mecanismos do Karma, não há a possibilidade de perdição definitiva. O indivíduo recebe sempre uma segunda oportunidade, podendo tentar outra vez quando falhou na primeira vida. O Karma apresenta assim um caminho de esperança, exatamente ali, onde a mensagem escatológica cristã se tornou ameaça definitiva.

Quando, como foi demonstrado na pesquisa, uma visão ameaçadora das últimas coisas se liga a uma concepção retribuidora na justiça de Deus, encontramos na própria religiosidade cristã um caminho preparado para aderir à doutrina espírita da reencarnação porque a Lei do Karma, por sua vez, também se baseia em tal concepção retribuidora, sem todavia ser ameaçadora.

Ao lado de todos estes mecanismos de fuga, constatamos hoje de maneira impressionante uma última atitude muito presente: A *Rejeição* e a *Não-Concordância*. Eis aí outro resultado claramente fundado pelos resultados da pesquisa aqui apresentada.

25. REJEIÇÃO E NÃO-CONCORDÂNCIA DIANTE DOS CONCEITOS ESCATOLÓGICOS

Pudemos verificar nos extratos pesquisados da população de São Paulo escala muito elevada uma atitude que na psicologia se chama de "*emigração interna*" ou "*emigração mental*", frente ao conteúdo da mensagem escatológica. Esta atitude nos parece ter pelo menos uma de suas raízes, também numa atitude de fuga ou de rejeição às vezes até inconsciente de uma mensagem experimentada como carregada de um potencial de medo. Este medo/insegurança diante dos conceitos escatológicos está presente em grande escala na população mais humilde (45% tem medo do Infer-

no, 42,5% tem medo do conteúdo dos conceitos escatológicos).

Nas camadas sociais mais elevadas, em contrapartida, é a rejeição e a não-concordância com o ensinamento da Igreja sobre as últimas coisas que predomina. Nestas camadas, 87% não concordam com o ensinamento da Igreja sobre o Inferno.

A não-concordância média diante de todas as noções escatológicas se estabelece nos seguintes níveis:

- *Escolaridade: colégio completo até curso superior — 53,5%.*
- *Faixa de renda: mais de 16 salários mínimos — 70,5%.*

A mesma tendência de não concordar como ensinamento da Igreja sobre os assuntos escatológicos se manifesta, no entanto, também na população humilde. Nela, a não-concordância com o ensinamento sobre o Inferno chega a 59%. A não-concordância média per-

te todas as noções escatológicas oscila em torno de 40%.

Constata-se uma correlação recíproca entre medo/insegurança e não-concordância. Isso significa em termos reais que nas camadas da população, onde constatamos um alto nível de não-concordância, o medo é baixo; nas camadas da população onde há um baixo nível de não-concordância, o medo é alto. É este o caso sobretudo nos estratos humildes do povo.

26. A NÃO-CONCORDÂNCIA, FENÔMENO PRESENTE AM ALTA ESCALA TAMBÉM NAQUELES QUE PRATICAM MUITO A RELIGIÃO

Os dados demonstram que não é possível explicar o fenômeno da não-concordância estabelecendo uma correlação explicativa com o fato de aquelas pessoas não praticarem a religião. Constatamos o mesmo fenômeno também naqueles que declaram praticar muito a sua religião.

NÍVEL MÁXIMO DE NÃO-CONCORDÂNCIA NO GRUPO DAQUELES QUE PRATICAM MUITO

<i>Diante do Julgamento</i>	24%
<i>Diante do Purgatório</i>	43,5%
<i>Diante do Inferno</i>	56%
<i>Diante do Juízo Final</i>	22%

Vemos neste alto nível de não-concordância mais um índice da presença de mecanismos de proteção que conduzem a um afastamento silencioso e, às vezes, até

inconsciente daqueles conteúdos da fé que não estão sendo compreendidos ou que se apresentam a partir de um enfoque de ameaça. A ameaça, no entanto, provo-

ca medo e o medo conduz à fuga. E "ninguém pode negar", escreve Van de Walle, "que o medo diante de Deus tinha na educação passada um papel demasiadamente importante"¹⁴. Estamos hoje perante os resultados de uma tal educação, resultados, aliás, totalmente explicáveis através de mecanismos psicológicos bem conhecidos.

É interessante constatar como em muitas publicações recentes a problemática deste medo está sendo mencionada. O teor delas é sempre o mesmo: na catequese e na teologia do passado (e do presente?) predominava a ameaça e o medo; a Boa Nova de Jesus Cristo, pelo contrário, pretende inspirar o amor e a esperança.

Os dados da presente pesquisa mostraram uma realidade muito distanciada deste objetivo. À luz de textos bíblicos como 1 Jo 4,18 e de tantos outros, estes dados formulam um desafio muito sério para a evangelização do presente e do futuro.

III) CONCLUSÃO

1. OS DADOS OBTIDOS PELA PESQUISA, UM DESAFIO AO DISCURSO ESCATOLÓGICO-PASTORAL

Os dados da presente pesquisa podem ser considerados representativos para os estratos pesquisados da população de São Paulo

e, além disso, também para outras grandes metrópoles. Estes dados revelaram uma acentuada incompreensão e, conseqüentemente, uma larga rejeição do conteúdo das noções escatológicas. Além disso, veio à tona, sobretudo entre o nosso povo humilde, um profundo e muitas vezes inconsciente pessimismo escatológico.

Em terceiro lugar, constatou-se uma maciça presença de medo nas concepções religiosas em geral e nas concepções escatológicas de maneira especial.

Diante de uma tal situação, surge um desafio sério para o discurso escatológico-pastoral.

- Não é mais possível transmitir as grandes verdades escatológicas numa linguagem que o homem de hoje não mais compreende ou que gera medo, de tal maneira que a reação deste homem torna-se rejeição e fuga.

- Deve-se superar o enfoque de ameaça, que marcou demasiadamente o discurso pastoral sobre as verdades escatológicas.

- Deve-se distinguir claramente entre o conteúdo religioso-dogmático inatingível e as interpretações pastorais muitas vezes falsas deste conteúdo.

- Deve-se distinguir claramente entre linguagem

simbólica e descrições de fato reais, ensinando na catequese esta distinção e informando sobre o significado simbólico de tantos textos escatológicos.

- Deve-se, enfim, superar uma pastoral que ainda sustenta a concepção de um além espiritual em oposição total ao mundo e que se alcança pela superação e rejeição deste mundo.

2. A PROBLEMÁTICA DA TRANSPOSIÇÃO PASTORAL DAS VERDADES ESCATOLÓGICAS

Em contraste acentuado com a relativa discreção e cautela, com a qual o Magistério da Igreja formulou as suas declarações sobre as verdades escatológicas, devemos constatar que a transposição pastoral destas verdades em nada seguiu tal exemplo. Constatamos no decorrer desta pesquisa um quadro em que encontramos algumas das conseqüências de uma tal transposição, caracterizadas por um forte potencial de medo e de ameaça com as suas conseqüentes reações de fuga e de não-concordância silenciosa.

Estamos postos acima não só perante os fatos em si, mas principalmente também perante a indagação sobre as razões pelas quais as cautelosas declarações do Magistério sofreram na sua transposição pastoral transformações que

as fizeram tornar-se mensagens de ameaça. Não podemos evitar de mencionar os laços estreitos que podem estabelecer-se entre um desejo de manter o poder e o uso de ameaças como pretexto pedagógico.

Sandro Gallazzi, no seu artigo "De nada vale a gordura dos holocaustos"¹⁵ mostra a lógica que se estabelece entre legalismo e os interesses do poder do templo em dominar o povo. O templo tinha-se transformado num instrumento de poder, em oposição total à mensagem de Jesus Cristo e de seu Reino de Deus, que não se fundamentaria na lei de retribuição, mas na lei do amor em toda a sua radicalidade (cf. Mt 22,34-40; 5-43-48; 6,33; 7,12).

A nova justiça do Reino superaria o esquema retribuidor que se tinha revelado opressor.

Em nossa pesquisa, constatamos praticamente em todos os estratos da população de São Paulo uma lógica religiosa de retribuição individualista, às vezes muito similar à que foi vigorosamente criticada por Jesus. Ultrapassando a nossa indagação sobre a problemática da transposição pastoral, devemos perguntar seriamente até que ponto atrás de um tal discurso se poderia esconder um desejo de poder muito semelhante ao do templo tão duramente criticado por Jesus.

14. Walle Ambros R. Van de, *Bis zum Anbruch der Morgenroete*, Düsseldorf 1983, p. 269.

15. Gallazzi Sandro, *De nada vale a gordura dos holocaustos*, em: RIBLA Nº 10, 1991/3, p. 46-60.

Finalmente, devemos desmascarar também os sutis e inconscientes desejos de vingança descobertos por trás de uma exigência de justiça vingativa. Devemos mostrar que a imagem de Deus baseada numa tal concepção reproduz projeções de desejos humanos, projetados em Deus, mas nunca a verdadeira imagem do Deus de Jesus.

3. DESVELAR AS AMEAÇAS ESCATOLÓGICAS COMO SENDO PROJEÇÕES DOS PRÓPRIOS HOMENS

As ameaças escatológicas eram e são ainda justificadas em grande parte com referência àqueles muitos textos nos quais o próprio Deus é apresentado como um Deus vingador que pune os pecadores.

Nos últimos 10 anos, porém, exegetas de autoridade, baseados nos trabalhos fundamentais de René Girard, apresentaram à luz dos novos enfoques psicológicos, sociológicos, religiosos e políticos, uma nova interpretação daquela pressuposta violência de Javé. Nelas eliminaram a base para todas as argumentações teológicas que justificaram as mensagens de ameaça, recorrendo à imagem de um Deus que ameaça.

O fundamento para este novo discurso são as descobertas do já mencionado René Girard. Ele mostra a partir dos mecanismos psicológicos de projeções e de transferência, que as imagens de um Deus vingador devem ser compreendidas como sendo projeções do próprio homem, nas quais as agressões coletivas ou individuais acabam sendo projetadas no ambiente sacral. Assim, elas são superadas no ambiente humano, mas reproduzidas no ambiente divino.¹⁶

A partir desta base, pode-se mostrar também como os desejos de tantos cristãos sobre uma justiça vingativa se revela como uma projeção dos próprios desejos de vingança, transferida para a figura de Deus.

Raimund Schwager, no seu livro "*Brauchen wir einen Sündenbock?*"¹⁷ mostra como em Jesus Cristo tal esquema foi totalmente superado e rejeitado por uma nova ordem em que, em vez de exigir o pagamento das dívidas, estas são perdoadas sem exigir reparações (cf. Lc 15,11-32; Mt 18,23-35; Mt 5,39).

A presente pesquisa revelou em nossa população a presença marcante de uma religiosidade

vingativa com a sua consequência inevitável, o medo.

Recorrendo à teoria de René Girard, era possível explicar o pano de fundo deste fenômeno que não só se encontra no nível individual, mas se estende sobretudo também no nível social e institucional.

Romper tais pressupostos falsos para estabelecer uma nova base no amor pregado por Jesus Cristo deve ser um dos grandes desafios de uma futura evangelização.

4. O MEDO ESCATOLÓGICO, DESAFIO ESPECÍFICO PARA A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Os dados da presente pesquisa revelaram a presença de um discurso opressor dentro do próprio discurso pastoral; revelaram a presença de medo e pessimismo, onde deveria haver esperança e amor.

Medo e pessimismo, no entanto, concentram o homem dentro de uma perspectiva individualista, em vez de incentivá-lo a um agir comunitário dentro da perspectiva da construção do Reino de Deus.

Assim, a superação do medo escatológico é uma necessidade primordial para que se possa progredir sem obstáculos inconscientes rumo a uma visão libertadora da realidade concreta e histórica, ativando o potencial profético e

crítico de uma religião, cuja base não é a opressão, mas o amor. A superação da opressão humana tem o seu início assim na fé de que Deus não é opressor. É a partir desta convicção que a mensagem libertadora do evangelho encontra uma base sólida para o agir contra todas as estruturas de morte deste mundo. A superação dos infernos deste mundo começa com a superação das matrizes destes infernos que em muitos casos não são muito diferentes das descrições do Inferno escatológico. Para que se possa ver isso basta ler os exemplos dados por Franz Hinkelammert, Giovanni Franzoni e Mariella Liverano.¹⁸ É de fato relevante a relação psicológica entre a pregação religiosa ameaçadora e a criação de situações e de estruturas que ameaçam a vida e justificam a opressão. Somente superando esta pregação ameaçadora é que se pode abrir espaço para a aceitação verdadeira de uma mensagem libertadora, em cuja base se possa estabelecer as profundas ligações entre um Deus da vida e a sua opção fundamental e concreta em favor de todos aqueles cuja vida está ameaçada.

Assim, em vez de ameaçar, a nossa mensagem escatológica deve conscientizar sobre o fato de que o Reino de Deus se realizará sob o prisma de amor de um Deus que em Jesus Cristo é apresenta-

16. Girard René, *Das Ende der Gewalt*, Olten 1982. Girard René, *Der Sündenbock*, Zürich 1988. Girard René, *Hiob, ein Weg aus der Gewalt*, Zürich 1990. Girard René, *A violência e o sagrado*, Rio de Janeiro 1990. VV.AA., *René Girard com teólogos da libertação*, Petrópolis 1991. cf. também: Dobbler Stephanie von, *Das Gericht und das Erbarmen Gottes*, Frankfurt a.M., 1988. Frielingsdorf Karl, *Daemonische Gottesbilder*, Mainz 1992.

17. Schwager Raimund, *Brauchen wir einen Sündenbock?*, München 1986.

18. cf., Blank Renold J., op. cit., p. 524.

do como encarnado de maneira parcial no mundo e na vida dos pobres, trazendo assim nova esperança a eles.

Para que esta mensagem de esperança possa ser assumida, para que possa desenvolver o seu potencial transformador, deve-se primeiro superar o *Medo Religioso* interiorizado pelos cristãos em virtude de uma história secular de ameaças.

Em vez de continuar a transmitir a mensagem de um Deus, ante o qual se deve ter medo, é essencial superar a imagem do Deus vingativo por uma imagem novo-testamentária de um Deus da vida, de um Deus "go'el", defensor de todos os que não têm mais defensor.

Entretanto, para que uma tal imagem de Deus possa ser realmente assumida, é preciso primeiro desmascarar as ameaças escatológicas, mostrando que nelas

não se revelam imagens do Deus verdadeiro, senão projeções arcaicas de ameaça do próprio homem.

A perspectiva de uma fé libertadora nunca pode ser o medo, mas sim, aquela confiança que é formulada em Cl 2,13-14: "*Deus vos chamou de novo à vida juntamente com Ele. Ele perdoou todos os nossos pecados e cancelou o decreto escrito contra nós, cujas prescrições nos condenavam...*".

É esta confiança vitoriosa, e não o medo e a ameaça, que estabelece a verdadeira base para a construção do Reino de Justiça e de Amor a que Jesus Cristo nos chamou.

Renold J. Blank é Doutor em Teologia Dogmática e Professor de Escatologia na Faculdade Nossa Senhora da Assunção.

Endereço:

Av. Nazaré, 993
CEP 04263-100
Ipiranga — São Paulo.

Os Vícios de Consentimento Matrimonial e o CC. 1095 do Novo Código

Côn. Dr. Martin Segú Girona

1. Em todo e qualquer Ordenamento Jurídico do mundo, o consentimento matrimonial constitui-se em fundamento dos tratados jurídicos sobre o matrimônio. Importância maior como é óbvio adquire na legislação canônica, por que do consentimento origina-se o Sacramento, entre dois batizados. O consentimento poderá ser hígido e portanto válido, como também ser "patológico". A patologia do consentimento no Direito Canônico é conhecida como: "vícios" de consentimento. Estes costumam ser classificados em duas categorias: os que impedem o nascimento do consentimento e os que o "maculam ou viciam". Na primeira categoria deparamos com a própria ausência do consentimento e na segunda, bem mais complexa, o consentimento existe mas sofrendo de patologia. Por isso

este consentimento padece de algum vício. Para um aprofundamento maior desta questão pode-se recorrer a GIACCHI¹.

2. Qualquer legislação civil ou eclesiástica determina claramente quais os vícios do consentimento que provocam a própria invalidade do matrimônio. Daí a importância do tema para as causas de nulidade matrimonial nas diversas legislações. Para nós o que nos interessa é a canônica, e em particular os "vícios" contidos no c. 1095.

3. Mister se faz, porém apresentar, sinteticamente, os diversos vícios para propiciar uma visão de conjunto para saber como o Novo Código aborda esta questão. Os "vícios" no Novo Código de Direito Canônico, são bem mais realistas e adequados à dimensão humana e interpessoal do matrimônio do que nas outras legislações. No Código

1. GIACCHI O. *Il consenso nel matrimonio canonico* (Milano 1983) cap. II, III e IV.